

**“Cassacos”: trabalho, cotidiano e conflitos nas frentes de serviços
na Bahia e no Ceará (1945-1962)**

LARA DE CASTRO*

Introdução

Vimos um velho atacado de emiplegia, cavando o que eles chamam de cabeça de gato, e de onde no máximo conseguiria arrancar quatro cruzeiros por dia. Um outro, nesse mesmo trecho, com luxação no joelho, quatro filhos a alimentar, um barracão e um feitor para completar tudo que faz nascer o desespero. Muitos dos cassacos ganham por metros cúbicos do que cavam.¹ (MEDEIROS FILHO; SOUZA, 1988:70)

Na metade do século XX, os trabalhadores das frentes de serviços das secas do Departamento Nacional de Obras Contra as Secas (DNOCS) já eram apelidados de “cassacos”. Esse nome é dado a um animal feio e fedorento no Ceará, Pernambuco, Paraíba e outros estados nordestinos. Na Bahia esse animal recebe o nome de sariguê.

Quando as políticas de combate as secas do DNOCS de meados do XX são quantificadas, o que vemos é o nordeste como um canteiro de obras – açudes, rodovias, campos de pouso, postos agrícolas, irrigação, perfuração de poços, ferrovias, igrejas, escolas, instalação de rede elétrica e de comunicação. No entanto, indagando a fonte acima, percebemos outras problemáticas de que esses números não falam: as situações vividas por retirantes-operários e seus parentes nessas frentes de serviço num conflituoso cotidiano de fome, de muito trabalho e mal pago, de doenças e de alojamentos ruins.

E é por isso que o presente trabalho analisará alguns aspectos do “mundo do trabalho” dos retirantes-operários e suas experiências, buscando desvesti-los da roupagem de vítimas, para mostrá-los como sujeitos ativos nas obras do DNOCS na Bahia e no Ceará de 1945 à 1962. Sem esquecer as políticas que se associavam à seca e ao retirante nesse contexto.²

* Doutoranda em História pela Universidade Federal da Bahia (UFBA)

¹ Discurso do político Cortez Ferreira. Pedimos a vossência que diga ao governador para não nos deixar morrer de fome. Tribuna do Norte, Natal, 26 de agosto de 1951.

² Este artigo discute questões levantadas na pesquisa que está em andamento no curso de doutorado iniciado em 2011. Desde o ano de 2004 pesquisei as fontes administrativas do DNOCS e identifiquei importantes problemas sobre a trajetória de sujeitos nos espaços da citada instituição. No mestrado (2007-2009) apresentei um trabalho que discutiu política e atuação de uma comissão criada na seca de

A seca ganhou repercussão nacional principalmente com a estiagem de 1877, quando fome, falência, migrações em massa, furto, prostituição, peste e morte abalaram o norte. Desde desse período a principal solução apontada para estiagem eram as obras hidráulicas e para remediar os problemas sociais que os retirantes causavam, ocupavam-se nos tempos de secas, milhares de trabalhadores do campo nessas obras³.

Na primeira metade do século XX muitas obras foram realizadas pelo DNOCS. Nesta ocasião, muitos retirantes foram empregados e novos costumes iam se estabelecendo no contato dos retirantes com as autoridades diversas. Os trabalhadores do campo, a cada seca, acumulavam experiências juntando à memória de outras estiagens.

De 1945 a 1962 muitas obras foram iniciadas, existindo um crescimento no número de operários nas frentes de serviços das secas. É importante dizer que, esse ritmo acelerado que tomavam as obras do Departamento das Secas nesse período está dentro do contexto que diz respeito aos avanços científicos e tecnológicos, ao refino de petróleo, ao crescimento da industrialização, à construção de Brasília e à influência do capital estrangeiro etc.

No segundo governo de Getúlio Vargas o órgão das secas recebeu níveis altos orçamentários para realização de obras e socorros públicos. O orçamento foi duplicado se comparado ao governo Dutra. E com Juscelino Kubitschek, a concepção dos 50 anos em 5 também parecia acelerar as incursões com obras no semiárido. Outro acontecimento que influencia o DNOCS nesse período é a criação do Banco do Nordeste em 1952 e do grupo de trabalho para o desenvolvimento do nordeste que dará origem a SUDENE em 1956. A idéia era que não somente as obras hidráulicas, mas os incrementos que elas traziam a região, com as outras construções – Rodovias, ferrovias,

1915: as Obras Novas Contra as Secas (1915-1919), discutindo o cotidiano e os conflitos ocorridos no processo de construção das obras envolvendo principalmente trabalhadores-retirantes e engenheiros. Nesta ocasião tinha como recorte as obras de açudagem no estado do Ceará. No doutorado examino mais profundamente as experiências dos operários nas vastas obras das secas e os conflitos que envolvem variados sujeitos dentro de um novo recorte 1945-1962.

³ Em 1909 foi criada a Inspetoria de Obras Contra as Secas - IOCS, que organizou a delimitação dos espaços sujeitos as estiagens periódicas, separando o polígono das secas do restante da região norte, dando início a pesquisas e construções. Em 1919 a IOCS passa a IFOCS – Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas. Por fim, em dezembro de 1945, marco do meu estudo neste projeto, foi promovida a reformulação da IFOCS, transformando-a em DNOCS, dando maior autonomia ao órgão.

pontes, escolas, igrejas, redes de energia elétrica – que as acompanhavam, trariam o desenvolvimento almejado.

Enquanto isso, tensões políticas e sociais causavam medo as autoridades públicas. As ligas camponesas alertavam para a possibilidade de uma massa de sertanejos que podia se rebelar caso seus desejos não fossem assistidos. Somado a isso, existia a falta de assistência aos trabalhadores do campo, que aumentava nos tempos de crise. Tudo isso gerava o medo de revoltas, das avalanches de sujeitos que cobravam a assistência ao Estado. Era necessário esvaziar as pressões no campo e conter as lutas que podiam acontecer.

1. Os “*cassacos*”

No início da década de 50, quando começaram as estiagens, as autoridades políticas alarmavam-se com as situações que se desdobravam e pediam soluções. O prefeito de Itiúba (BA) Berlarmino Pinto Azevedo discorre que, “Já não podendo suportar horrores terrível seca”, “onde centenas chefes de família emigram”, “deixando mulheres filhos entregues a fome por falta de trabalho”, os itibuenses imploram a “vossa excelência pelo bem dos nossos entes queridos no sentido de fazer atacar serviço no açude Jucuruci ou estrada de acesso”⁴ O deputado Federal Dantas Júnior⁵ também comunica quadro parecido e pede para que seja efetuada a construção do açude Pedrão:

Rogo empenhar o quanto possível sentido ser efetuada a construção açude Pedrão...Atacar referida construção com urgência a fim de socorrer centenas de homens sem trabalho, passando as muitas privações motivada pela seca que ainda perdura.⁶

Com a chegada das secas de 50, os retirantes entram novamente em cena, reemergindo nos discursos das autoridades, da classe letrada e da política nacional. O que fazer com as levas de homens sem trabalho? As autoridades se movimentam para acalmar seus ânimos dos retirantes e impedir as multidões ameaçadoras que podiam atacar os principais centros urbanos e comerciais, a principal tática era a distribuição de

⁴ Arquivo da 4ª DR do DNOCS. Barros Reis. Pasta de estudos do Açude Jucuruci (BA). Telegrama do período inicial da construção

⁵ Dantas Júnior teve uma vida política movimentada. Foi deputado Estadual e Federal e suas correspondências mostram la amplo diálogo com Juraci Magalhães. Dentro da administração pública ele foi interventor, secretário de agricultura, secretário da fazenda e consultor da caixa econômica federal.

⁶ Acervo Cedec. Fundo Dantas Júnior. Pasta DF1, 01 /08/ 1953.

obras públicas no interior. E assim, várias construções foram realizadas no semiárido neste período.

Conforme o relatório de 1951, o açude que inundou a vila de Canudos, Cocorobó (Ba), foi iniciado na crise climática de 51, “como obra de socorro público, a fim de amparar as vítimas das secas”⁷. No Ceará obras de grande porte também eram levantadas neste período para abarcar os sujeitos que se retiravam pela seca⁸. Mas, não só a açudagem servia como espaço de retenção de pessoas, observando o discurso do Diretor Vinicius Berredo, percebe-se que muitas rodovias foram iniciadas e prosseguidas quando “a crise climática obrigou a dar início novos serviços para permitir o acesso de flagelados que afluíam a procura de trabalhos.”⁹

1.1 Ameaça dos “sem trabalho”

O Jornal A Tarde de 30 de maio de 1958 traduz uma matéria da revista *Times* que conta tragédias da estiagem daquele ano. A reportagem explicita as condições de existência dos retirantes. “Milhões de pessoas sustentavam-se de cactos, cavavam buracos nos leitos secos dos rios em desesperada busca de água, ou iniciavam uma terrível deprimente viagem”. Muitos ficavam mortos pelo meio do caminho, onde eram enterrados. Um coveiro de Juazeiro disse ao jornal A Tarde que “mais ou menos doze crianças” eram sepultadas “todo santo dia”.

A morte – companheira das secas – atingia principalmente as crianças que se retiravam com a família. O drama dessas migrações já tem registros na literatura e na historiografia. No entanto, o que se percebe mais claramente são os discursos voltados para os que foram embora dos seus estados, para o norte ou para o sul. E os que não foram? Por que desejaram ficar? Por que mesmo tendo na memória o tipo de cotidiano das frentes de serviço escolhiam essa alternativa? E quais suas histórias?

Declarada uma seca, milhares de migrantes saíam de seus lugares de origem em busca de alternativas. Uma delas era ir em direção das obras públicas à procura de ocupação. Essas construções tornavam-se pontos de aglomerações humanas. Em abril

⁷Relatório de obras de 1951 do diretor do DNOCS Vinicius Berredo. Rio de Janeiro. P. 75

⁸ Araras, município de Reriutaba; Santo Antonio de Aracatiaçu, município de Sobral; Orós, município de Orós - Região de Jaguaribe, entre outras

⁹ Relatório de obras de 1954 do diretor Luiz Mendes .DNOCS. Rio de Janeiro.

de 1953, o gestor do açude Ceraíma (Ba)¹⁰ alarmava-se com “a aflição flagelados ” e com as maiores aglomerações que ocorreriam nos dias seguintes. Esse não é um quadro específico do semiárido baiano. Conforme telegrama enviado à 1ª D.R do DNOCS, pelo prefeito de Cariré (CE).

“Com início construção estrada liga Aires de Souza a Araras, esta cidade ponto de convergência onde chega diariamente levas de flagelados famintos. Cena dolorosa presenciamos. Filhos pobres, doentes perecem fome. Hoje não mais suportando a cruciante fome cerca de quinhentas pessoas invadiram o depósito de feijão do governo tirando o que conseguiram...”¹¹

Percebemos na citação uma questão. Conhecida prática de outras secas, antes mesmo do início das obras, multidões se formavam ao redor dos canteiros a procura de ocupação para sobreviver. No entanto, diante das limitações das obras diante do grande número de pessoas ocorriam as confusões: saques, invasões às obras, desordens nas ruas e ameaças diversas.

Essas situações não ocorriam de forma isolada. Multidões em todo nordeste semiárido agiam em busca da sobrevivência, cobrando soluções. O jornal baiano Diário de Notícias informa, em 29 de março de 1958: “Bando de flagelados surgiram no bairro da Ribeira, em Salvador, procurando uma repartição da seca dizendo que precisavam de emprego para não morrer de fome.”¹² O mesmo jornal noticia em 23 de março de 1958 que “flagelados em massa dos municípios do interior cearense convergem para a cidade Senador Pompeu, cuja população encontra-se justamente apreensiva”. Os migrantes das secas tinham noção que desde muito tempo deixaram de ser vistos como passivos e dóceis sabiam que só a ameaça de um levante, caso não fossem assistidos, era o suficiente para amedrontar sujeitos letrados, comerciantes, fazendeiros, chefes políticos e a polícia.

Outros estados nordestinos também lidam com o problema. O prefeito de Cajazeiras (PB) na seca de 1952, Otacílio Jurema, alega que “três mil pessoas invadiram a cidade à procura de trabalho e como não podia improvisar uma obra para atender a essa emergência” distribuiu “alimentos e uma pequena reserva em dinheiro” (MEDEIROS FILHO; SOUZA, 1988: 115). No processo de negociação a conquista de

¹⁰ Arquivo 4ª DR do DNOCS. Fundo açudes públicos Bahia. Pasta Açude Ceraíma. Telegrama de 4 de abril de 1953.

¹¹ Acervo 1ª DR do DNOCS . Fundo Açudes Públicos Ceará. Açude Araras. - 4 .Telegrama enviado pelo prefeito de Cariré (CE) , 6 de novembro de 1951.

¹² Os jornais baianos consultados encontram-se a disposição na Biblioteca Pública do Estado da Bahia.

trabalho era a primeira reivindicação, caso não desse certo, barganhavam outras medidas, como alimentos e dinheiro.

Outro acontecimento discorrido pelo político foi o que trata das “ondas humanas que se projetavam ao longo da Rio-Bahia à procura de trabalho.” Ele alega que os “administradores públicos” não tomaram “nenhuma outra solução, que não as de natureza policial.” (MEDEEIRO FILHO; SOUZA, 1988: 171) Surge um fato curioso. As ações – invasões, saques, ameaças – dos sujeitos pobres em tempos de secas tem legitimidade da sociedade, o que garante conquistas. A justificativa da fome dava legitimidade à essas manifestações que por isso não eram enxergadas como crime, isso já era um artifício da cultura de negociação dos trabalhadores-retirantes em tempos de secas, mas as ações com intervenção da polícia é uma nova questão.

Vale a pena narrar outro fato: O jornal Diário de Notícias da Bahia de 27 de abril de 1958, discorre que “vermelhos instigavam os movimentos e conhecidos agitadores infiltravam-se entre flagelados em saques à feiras livres na capital de Fortaleza”. A reportagem diz que “a organização cuidadosa do assalto despertou a atenção da policia...” nessa ocasião várias pessoas foram presas. Na verdade as ações dos retirantes sempre eram vistas pelas autoridades públicas como movimentos irracionais, espontâneos, e por isso, não politizadas. A existência de uma prévia organização e de um líder qualifica essa ação dentro de um modelo racional de manifestação¹³, o que chamou a atenção da polícia.

1.2 Os “feios e sujos”

“Agora Cocorobó é uma área de paz e progresso... A área em pouco tempo cresceu, já possuindo cerca de três mil habitantes, havendo muitas casas e casebres. Seu bairro residencial de funcionários da companhia, com suas casas limpas, com luz e água encanada e até com jardins na frente.” (DANTAS, 1982,171)

Paulo Dantas faz referência na fonte acima ao sertão de Canudos que “virou mar” em forma de açude. Cocorobó ainda estava em construção quando o autor escreveu esse texto no início de 1959. O progresso que ele se refere são as obras do DNOCS realizadas no lugarejo e entorno – aberturas de vias, instalação de rede de comunicação, luz, água encanada etc.

¹³ Ler: NEVES, F. C. . Seca, Pobreza e Política: o que é politicamente correto para os pobres?. Trajetos (UFC), v. 7, p. 186-199, 2009.

Quanto à paz é algo a se discutir. Palco de conflitos conhecidos e estudados na historiografia, nos episódios do Arraial de Canudos, naquele sertão não reinava o sossego expressado e desejado pelo autor. Os desdobramentos da longa estiagem de 1958 ainda eram fortes, pois os anos posteriores às secas eram escassos de alimentos, visto a pequena produção. Assim, numa das maiores obras empreendidas pelo DNOCS na época e também em outras construções, se reuniam milhares de operários num cotidiano de dura lida, pouca comida e confusões por melhores condições de existência.

Analisando a fonte citada ainda percebemos que o autor trata do alojamento da equipe técnica e do engenheiro, o cearense José Fernandes Peixoto. As casas dos técnicos tinham relativo conforto, diferente das formas de habitação da maioria dos trabalhadores. As menções feitas as habitações dos “cassacos” eram: no açude Sohen, Senhor do Bonfim(BA), “galpão de taipa para operários”; no açude Pentecoste, Pentecoste(CE), “barracas de palha”. Os relatórios do DNOCS também referenciam outras instalações nas obras como postos de saúde, escolas e até igrejas.

Os alojamentos dos “cassacos” estavam longe de apresentar condições salubres, motivos pelo qual surgiam doenças¹⁴. No relatório de 1954 são apontados casos freqüentes de doenças como tifo e paratifo¹⁵. Diante das descrições encontradas nos documentos da instituição e nos jornais sobre alojamentos, cotidiano de trabalho e estado físico dos operários, podemos entender por que era um ambiente que facilitava a disseminação de doenças e acidentes de trabalho.

Os retirantes migravam em direção as construções das secas acreditando que seus problemas findariam, mas seus sofrimentos só foram modificados. O jornal O Povo do mês de abril de 1953 fala de “três mil operários em volta a exploração, fome e doenças”¹⁶ no início das obras do açude Pentecoste no Ceará. Era dito que os sujeitos

¹⁴ No relatório de 1953 é informado que foram atendidos operários das obras e familiares doentes e acidentados. Com relação a assistência médica foram atendidas 171.339 pessoas; aviadas 288.269 receitas; realizadas 6.825 intervenções cirúrgicas; 120.533 curativos; 230.178 injeções. Acidentes de trabalho foram 3.404, deixando muitos operários incapacitados. No mais, tiveram assistência dentária 3439 pessoas.

¹⁵ *Tifo* é uma doença transmitida por [piolhos](#) por meio de uma bactéria. Uma moléstia epidêmica que facilmente se difunde em lugares de aglomerações e falta de higiene. Causa febre, manchas no corpo, podendo levar a morte. Já o *paratifo* é uma infecção que ataca o intestino, com sintomas parecidos com os da [febre tifóide](#), causada mesma [bactéria](#) *Salmonella typh*. Geralmente a transmissão ocorre por ingestão de água e alimentos contaminados. – doenças que mataram em 1932 mais de 19.000 operários nas obras do DNOCS

¹⁶ Jornal O Povo. Abril de 1951.

que chegavam às obras dos açudes e estradas no Ceará eram “homens esfarrapados, mulheres maltrapilhas e crianças mirradas”. Em abril de 1951, o mesmo jornal discorre que nas obras do Pentecoste (CE), vivia-se sob “regime de senzalas”, tendo ocorrido “inúmeros casos de inanição”, – “regressei dali para não morrer de fome, com minha família e filhos”, declarou a reportagem “um dos egressos daquele campo de concentração.”

É interessante atentar para o ambiente das obras do DNOCS, assemelhado na fonte a um campo de concentração. Os trabalhadores que conquistavam uma vaga nas frentes de serviço logo começavam a dura lida num espaço problemático. Os retirantes chegavam esgotados pela fome de dias e começavam a trabalhar em serviços que exigiam muito esforço físico em atividades diferentes dos quais estavam acostumados, num cotidiano que se tentava notabilizar pelo horário e pela disciplina. Em troca do trabalho recebiam baixos salários, e por conta do ambiente insalubre das obras muitos adoeciam.

Quanto ao salário, muitos homens recebiam por produção, mas quantificá-la era complicado. “Muitos cassacos” ganhavam “por metros cúbicos” do que cavavam. O terreno era a variante para os preços e quem determinava o tipo de terreno e calculava a metragem era o trabalhador chamado tarefeiro. Existiam muitas reclamações quanto ao trabalho orçado e o salário final (MEDEIROS FILHO; SOUZA, 1988:70).

A alimentação era outro problema das obras contra as secas. O Deputado Federal Aluizio Alves fala que eram “Os barracões reduzidos ao charque, feijão e milho podres da comissão de abastecimento do Nordeste” (MEDEIROS FILHO; SOUZA, 1988:71). Havia sempre a denúncia de exploração por parte dos fornecedores em troca de má alimentação. Na Bahia, conforme o jornal A Tarde,

“chefes políticos embolsavam 25 por cento de cada 30 cruzeiros de um flagelado. Em outras áreas o governo entregou as obras de emergência a firmas particulares que pagam aos flagelados em bens que não necessitam: brilhantina e recomparam por metade do preço. Os donos de armazém pede preço triplo por feijão estragado e farinha mofada.¹⁷

Esperava-se um ritmo de fábrica - disciplina, horários fixos, divisão de tarefas. Contudo, já posso verificar em minha pesquisa que os “cassacos” não ficavam inertes frentes aos seus problemas. Todo esse ambiente era favorável ao surgimento de

¹⁷ Jornal A Tarde. 30 de maio de 1958.

conflitos. O engenheiro do açude Ceraíma na Bahia expõe que, “cerca quarenta trabalhadores do serviço de empreitada” não receberam em dia e “atçados por outros elementos indesejáveis tentaram promover desordens afim serem pagos”.¹⁸ No Ceará, no açude Pentecoste, “Diariamente” sucediam-se “atritos e desentendimentos” entre “a massa de operários”¹⁹. Isso mostra que os conflitos não eram somente cenas de tragédias, pois os “cassacos” reagiam aos seus descontentamentos, significando que experiências diferentes eram adicionadas ao mundo do trabalho em plena seca.

É importante salientar que o cotidiano nas obras do DNOCS não era só de labuta, tinha escola, reza e festa. Os relatórios de obras de 1951 e 1954 mencionam a construção de igrejas e escolas nas proximidades das obras hidráulicas maiores. Quanto ao tempo do descanso, existiam os trabalhadores que recebiam por produção e os diaristas, os horários de trabalho e de descanso para cada categoria eram diferentes.²⁰ No entanto, lazer, religião e educação nas obras são pontos que interessam a minha pesquisa, mas precisam de investigação mais profunda²¹.

As frentes de serviço tentavam incluir novos costumes de trabalho na cultura do sertanejo, mas havia resistência à isso. Quando os efeitos das secas se amenizavam muitos operários abandonavam as obras, pois preferiam voltar para seus pequenos pedaços de terra ou para as terras dos outros onde trabalhavam na agricultura e na pecuária, especialmente. Isso corre porque os trabalhadores do campo se preocupam em assegurar a alimentação sua e da família, isso faz parte dos seus costumes, da sua vida. Por isso, tenho a intenção de entender como se dava a experiência de trabalho dos “cassacos” nas obras das secas em condições tão diversas das quais estavam acostumados. Já era costume de alguns operários no primeiro sinal de seca procurar obras do governo, mas não era seu cotidiano e sim uma situação emergente. A própria

¹⁸ Arquivo 4ª DR do DNOCS. Fundo açudes públicos Bahia. Pasta Açude Ceraíma. Ofício do engenheiro Jaime Espínola Teixeira. 1953

¹⁹ Jornal O Povo. Abril.

²⁰ Fonte: Ministério da Viação e Obras Públicas. Departamento Nacional de Obras Contra as Secas. Legislação do DNOCS. Rio de Janeiro. 1951.

²¹ Conversei, informalmente, sem gravador e caneta, com dois operários cearenses de obras da década de 50. Eles alegam que, quanto a reza, dentro das próprias barracas eram realizadas cultos católicos e protestantes, os últimos causavam reclamações. E em relação ao tempo do descanso, alguns que moravam não muito distante das construções voltavam no domingo para ver família, ocasião em que levavam os alimentos que podiam. Mas, tinham também os que vinham de muito longe com a família, de fora dos municípios onde as obras estavam localizadas, estes não podiam voltar. Mas como já falei, essas questões merecem ser melhor investigadas.

noção de tempo do homem do campo é diferente: é tempo de arar, de plantar, de colher, é tempo de inverno, é tempo de estiagem, é também tempo de festejo e do santo protetor.

1.3 Política, verba e voto

“...Teria medida de grande alcance o aproveitamento de verbas anteriores e inclusão de últimas verbas de emergência a fim de sustentar milhares de pessoas que padecem de fome aqui no município. Com essa medida nosso município não atravessará crises idênticas. Peço sua interferência junto ao Dr. Viana Pedreira a respeito de um distrito de mente aflitíssima, cuja população não tem mais água...”²²

O deputado federal Dantas Júnior, recebeu essa carta vinda da localidade de Bom Conselho – atual município de Cícero Dantas. O remetente era um aliado político assessor do prefeito do lugar citado, João Batista. Percebemos em análise o apelo para que fosse construído o açude público Pedrão e para que verbas de emergência fossem encaminhadas pelo DNOCS à cidade. O deputado Dantas Júnior não tinha cargo no DNOCS, mas em análise às fontes percebemos o trânsito dele na instituição pedindo diferentes obras, relatórios das construções e indicações de pessoas para cargos no órgão das secas. Nas correspondências encaminhadas para reivindicar obras o político discursa que as construções são necessárias para a população baiana não sofrer com atraso, fome, falta de trabalho e seca.

As crises climáticas ataçavam uma estrutura de poder movimentada pelas instituições de combate às secas, coronéis e autoridades políticas. É comum encontrar fontes que tratam das negociações entre prefeitos, governadores, deputados e Departamento das Secas, cobrando obras para os “seus lugares”, verbas de socorros em tempos de secas e trabalho para os retirantes. As autoridades tinham receio dos sujeitos “sem trabalho”. Era o medo de um levante geral da pobreza. Mas, também podemos indagar outras coisas. Porque o freqüente uso do discurso do atraso para conseguir obras? Quais outros interesses existiam quando coronéis e autoridades políticas buscavam garantir a ocupação de retirantes? E como ocorriam essas negociações com o DNOCS para obter ganhos?

No ano de 1953 o Governador cearenses Plínio Pompeu escreveu uma carta com procedência de Sobral para Getúlio Vargas alegando que “diante da situação

²² Acervo Cedic. Fundo Dantas Júnior. Pasta DF3, carta de 07/09/55;.

angustiosa” dos últimos 3 anos de seca, as obras não comportavam “metade da população necessitada... O ministro José Américo deu ordem para atacar” outras obras, mas “rogo abertura de créditos especiais para obras emergência”²³. O deputado estadual Dantas Júnior em 1954 recebeu telegrama no qual o remetente comunicava a conquista “de trezentos e oito votos” para a candidatura dele a deputado federal, pedindo em seguida a colaboração junto ao DNOCS “na verba do campo de pouso da cidade.”²⁴

Fica evidente o relacionamento desses políticos com o órgão de combate as secas também na documentação administrativa do Departamento Nacional de Obras Contra as Secas, mostrando como a máquina do estado era ainda mais utilizada em tempos de secas em prol de ganhos para as autoridades. Políticos como Dantas Junior(BA) e Plínio Pompeu (CE) utilizavam o discurso da seca atrelada ao atraso e a fome para tentar convencer sobre um retardamento, ou um declínio que assolava seus estados/municípios. Com isso, ficava mais fácil garantir obras, verbas para socorros públicos que permitissem barganha para conquistar outros aliados políticos, ganhos econômicos e votos.

Essa negociação também reforçavam os ganhos de coronéis, que com o alarme da seca, conseguia com seus aliados que tinham cargos políticos a distribuição de alimentos para os “seus homens” e o encaminhamento de alistamentos nas frentes de serviços. Os senhores de terras ganhavam por ter sua mão-de-obra disponível novamente quando passasse a crise climática e ganhava também por ter suas terras dotadas de uma infra-estrutura hídrica.²⁵

As obras contra as secas tinham também a promessa de estender a visibilidade do sertão semiárido a todo Brasil, trilhando um novo mapa. Onde as comissões passavam eram construídos muitas obras que possibilitava, inclusive, o surgimento de povoados nos seus entornos. Os relatórios são repletos de números intencionais mostrando a prosperidade que as obras do DNOCS levavam. Alguns intelectuais do período, principalmente os que pensavam nos moldes do desenvolvimentismo,

²³ Acervo 1ª DR do DNOCS . Fundo Açudes Públicos Ceará. Açude Araras. - 4 .Carta avulsa de 1953

²⁴ Acervo Cedic. Fundo Dantas Júnior. Pasta DF3, 5 /12/ 1954.

²⁵ Paulo Brito no seu livro *a civilização da seca* alega que muitos donos de terras faziam os açudes “em cooperação”. Nesse sistema o DNOCS realizava os estudos e pagava boa parte das despesas para ser construída a barragem com a condição de dar acesso a toda população do entorno, mas isso não ocorria, geralmente depois de pronto o açude era cercado e o acesso a água era limitado.

acreditavam que obras hidráulicas não trariam todo o progresso esperado, mas sim suas obras complementares – estradas, campos de pouso, energia, rede de comunicação, perfuração de poços, irrigação.

O trabalhador do semiárido, visto como um flagelado que precisava de auxílio na seca e esquecido fora desse tempo, não eram lembrados pelas autoridades políticas e nem pelos cidadãos fora das crises. Dentro dos latifúndios, as chuvas escondiam sua miséria. Enquanto para outros sujeitos, a seca e o discurso da fome e do atraso do semiárido, servia de argumento para assegurar ganhos econômicos, mas também políticos, cativar trabalhadores e cativar eleitores. Por fim, o trabalho dentro das obras das comissões do DNOCS que percorreram o semiárido possibilitou entender os sujeitos experimentando num cenário de crises e conflitos novas experiências, que não fossem somente as tradicionais coronelistas e do trabalho no campo.

Referências Bibliográficas

- ALBUQUERQUE JR, Durval. M. *Palavras que calcinam palavras que dominam: a invenção da seca no Nordeste*. Revista Brasileira de História. São Paulo: ANPUH/Marco Zero, v.15, n 28, p.111- 120, 1995.
- _____. *Nos destinos da fronteira: histórias espaços e identidade regional*. Recife: Bagaço. 2008
- ALMEIDA, José Américo. *Secas no Nordeste*. Ministério da Viação e Obras Públicas. 1953
- BURKE, Peter. *A escrita da história; novas perspectivas*. Tradução Magda Lopes. São Paulo: Editora UNESP, 1992.
- CARVALHO, Rejane V. Acirole. *O estado, a Terra e O Coronelismo*. Rio de Janeiro: Coleção Mossoroense. Série C. Volume DCCI, 1991.
- CASTRO, Lara de. *“Avalanches de flagelados” no sertão cearense: retirantes-operários e engenheiros na lida das obras contra as secas*. (Série Conviver nº. 12). Fortaleza: DNOCS/BNB-ETENE, 2010.
- CUNHA, Euclides da. *Os sertões: campanha de Canudos*. 20. Ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1998.
- DANTAS, Paulo. *Viagem definitiva a Canudos*. IN: DANTAS, Paulo. Capitão Jagunço. São Paulo. Ed. Global. 1982. (Relato publicado originalmente na Revista Brasiliense, nº21. jan-fev 1959.)

- DANTAS Jr. *A Barragem do Cocorobó*. Discurso pronunciado na sessão da Câmara Federal em 3 de dezembro de 1962. Departamento da Imprensa Nacional. Brasília. 1963
- DUQUE, Guimarães. *Solo e Água no polígono das Secas*. Fortaleza; Banco do Nordeste do Brasil, 2004, 6ª edição.
- ESTEVAM NETTO, José. *DNOCS Ontem e hoje – sustentáculo da nascente civilização da seca*. João Pessoa, 1987.
- FERRAZ, Renato José Marques. . *Cartilha histórica de Canudos*. [S.l.: s.n.], 1991. 64
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.
- GUERRA, Paulo de Brito. *A civilização da seca: o Nordeste é uma história mal contada*. Fortaleza: DNOCS, 1981.
- _____. *Flashes da Seca*. Fortaleza: DNOCS, 1983.
- GUERRA, Otto. *21º Livro das secas*. Coleção Mossoroense. Série C. Volume CDLXIII. Rio Grande do Norte. 1989.
- HOBBSAWN, Eric j. *Os trabalhadores. Estudos sobre história do operariado*. Rio de Janeiro: paz e terra, 1981.
- _____. *Bandidos*. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1976.
- _____. *Mundos do trabalho*. São Paulo: Paz e Terra. 2008.
- MEDEIROS FILHO, João e SOUZA, Itamar de. *A seca do Nordeste: um falso problema. A política de combate às secas antes e depois da SUDENE*. Vozes. Petrópolis, 1988.
- NEVES, Frederico de Castro. *A multidão e a história: saques e outras ações de massas no Ceará*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.
- _____. *Economia moral versus moral econômica: O que é economicamente moral para os pobres?* Projeto história. São Paulo.nº 16, p 39-57, 1998.
- NEVES, F. C. . *Seca, Pobreza e Política: o que é politicamente correto para os pobres?*. Trajetos (UFC), v. 7, p. 186-199, 2009.
- PERROT, Michelle. *Os excluídos da História. Operários, Mulheres, Prisioneiros*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- RIOS, Kênia Souza. *Campos de concentração no Ceará: Isolamento e poder*. Fortaleza museu do Ceará/SECULT, 2002.

ROSADO, Vingt-um (org) *Memorial da Seca*. Mossoró, 1981, Coleção Mossoroense – Volume CLXIII.

ROSADO, Vingt-um e ROSADO, Américo. *17º livro das secas*. Mossoró, 1988. Coleção Mossoroense – Volume CDII. : Zahar, 1990.

ROSADO, Vingt-um e ROSADO, Américo. *Décimo segundo livro das secas*. RN: Coleção Mossoroense. 1988.

SOBRINHO, Thomaz Pompeu. *História das Secas (século XX)*. Mossoró: Coleção Mossoroense, volume CCXXV , 1982.

SOUZA, E. *O Calvário da Secas*. 3 ed. Rio de Janeiro: Editora Cátedra, 1983

SOUSA, Simone e NEVES, Frederico de Castro. (orgs) *Fortaleza: história e cotidiano - Seca*. Fortaleza: edições Demócrito Rocha, 2002.

THOMPSON, E. P. *Costumes em Comum*. São Paulo: companhia das letras, 1998.